

LUIZ FELIPE /
PONDE

**AFORISMOS IMORAIS —
PARA CANALHAS
HONESTOS**

2ª edição

GLOBALIVROS

A prostituta
Uma gostosa
Homem que (não) pede licença
Duas gatas em ação
A metafísica do sexo anal
“Vivam as putas!”
Charutos
Ser possuída
Ascensão profissional de Eva
Bom-dia
No meio do expediente
No canto da sala
O incômodo da idade
Sexo seguro não existe
Um homem do passado
Medo de ser homem
Emancipação masculina
Das contradições do mundo adulto
Meninas torturadas
Representações politicamente corretas do homem: escolas contra os
meninos
Educação sexual e bullying
Filhos como experimento dos pais
Minitravesti
Novelas da TV

Pais idiotas e mães sábias nas séries de TV

Censura

Puritanismo político

Pureza de gênero

O problema das amigas heterossexuais

Aprendendo a superar preconceitos

Todo heterossexual é estuprador?

Escolha sexual

Ampliação das opções sexuais

“Cissexual”

Histeria como laço social

Quem paga a conta do jantar?

O politicamente correto gourmet

A nova fronteira

Mulheres obsoletas?

Aplicativos

O buraco da política

Não há crimes no paraíso

Epílogo: uma entrevista na Pré-história

Ainda na Pré-história: um dia comum

Ainda na Pré-história: sobre o chão

Sobre o autor

Créditos

Para Danit

*Isso, e apenas isso, é o conteúdo de nossa cultura:
a rapidez com que a imbecilidade nos arrasta em seu turbilhão.*

[...]

Certamente não é só o exterior de uma mulher que interessa.

A lingerie também é importante.

Karl Kraus, Aforismos

Vais ficar assim mesmo putinha, assim mesmo!...

e com isso vais gozar mais deliciosamente.

Marquês de Sade, A filosofia na alcova

Prefácio à segunda edição: o canalha honesto

De cara digamos: o canalha honesto é um ser em extinção. Nesse sentido, este breve livro de aforismos imorais tem uma nobre intenção: trazer à vida esses mortos de medo que são muitos dos homens contemporâneos. Aqui acaba qualquer intenção nobre. O resto do livro, como digo no prefácio à primeira edição, é dedicado à mulher devassa.

A propósito: cada vez que você ouvir a expressão “masculinidade tóxica” ou “novas masculinidades” à sua volta saiba que você está diante de alguém que odeia homens e mulheres que gostam de homens. Quem usa essa expressão ou é canalha desonesto ou uma feminista chatinha. Este livro é escrito contra ambos.

“Um dia sentiremos falta do canalha honesto”, profetizou o grande Nelson Rodrigues. E quem é esse canalha honesto? Segundo Nelson, é aquele que vendo sua cunhada caçula saindo do chuveiro de toalha cheirosinha e de cabelo molhado, a agarra no corredor e lhe dá um beijo na boca, que é correspondido pela menina. Ao ser indagado pela sua mulher, a irmã mais velha, ele responde: sinto muito, mas sua irmãzinha é muito gostosa!

Hoje não existem mais canalhas honestos. Existem canalhas que se comportam como portadores de uma “nova masculinidade”. Ainda tentam comer a cunhada mais jovem, mas, quando vão “justificar”, dizem que o problema é que ele, que se tornou vegano como ela, não consegue mais beijar na boca da sua mulher, a irmã mais velha, porque ela ainda come picanha.

Ou, quando pego comendo uma aluna, o canalha desonesto

prontamente se diz vítima de uma educação que lhe foi imposta por uma sociedade saturada de “masculinidade tóxica”. O patriarcado o fez querer comer a menina de dezoito anos. Coitadinho.

O canalha honesto é aquele que confessa gostar de mulher e perde a cabeça por isso. Não que isso o justifique moralmente. Pelo contrário: o que caracteriza a honestidade na canalhice sexual é saber-se além de qualquer desculpa moral ou psicológica. Daí sua honestidade.

Quem perde com o desaparecimento do canalha honesto, principalmente, são as mulheres que gostam de homens e que gostam da vida devassa entre quatro paredes. Por quê? Porque o homem da nova masculinidade, que reclama da “masculinidade tóxica”, logo amanhã estará perdendo o interesse pela mulher e pronto. O que já está acontecendo. Narcisistas, os canalhas desonestos não amam as mulheres como objeto supremo de sua perdição. Não entendem que Adão desistiu de Deus porque Eva era muito gostosa. E que o resto veio depois. Por isso, muito provavelmente, foi mesmo um homem que escreveu a Bíblia. Pelo menos o Gênesis. Porque só um homem que gosta de mulher abre mão do Criador pelo gosto da mulher na sua boca.

Luiz F. Pondé
São Paulo, agosto de 2019.

Prefácio à primeira edição: devassa

De quatro, ela gemia. Por trás, ele a penetrava e doía. O amor anal é sempre selvagem e mais íntimo do que todos os outros. Gemia de dor, as lágrimas escorriam pelos lábios. Ele puxava seus cabelos loiros com força. Sentia-se uma cadela, momento supremo, pedia que a tratasse por cachorra. Um filósofo diria: eis a mulher.

Finalmente, sentindo-se objeto, como sempre quis. Finalmente alguém que não a respeitava. Espécie em extinção, homem que não pede licença. As mulheres ainda vão sonhar com o tempo que faltavam com o respeito com elas nas ruas.

Ao final, veste-se. A roupa branca trai sua função social: médica. Já no hospital, sorri para seus pequenos pacientes indefesos. Pediatra bem-sucedida.

Na TV, uma entrevista com uma chatinha condena o comercial da cerveja “Devassa” por exploração da mulher. Nossa médica gostosa, do alto de seu salto e de sua roupa branca, sonha em ser de novo objeto no dia seguinte. O amor anal a deixa ali onde ela quer estar: no lugar do objeto. Nenhuma mulher é mais amada do que aquela que é objeto de alguém. E ela pensa: “Como essas chatinhas atrapalham minha vida”. Escondida por baixo das roupas brancas, uma espécie caçada: a devassa. A mulher que gosta de homem e não é histérica.

A lembrança ainda escorria em suas pernas. Criada num mundo ignorante sobre sexo, porque o confunde com província da “biopolítica”, nossa heroína do amor anal demorou a descobrir o que se sabe desde a Pré-história. Fala-se “penetrar uma mulher” porque a anatomia imita a vida do feto: o amor é invasão da vida.

Dedico estes aforismos imorais a ela.

Afetos tristes

O filósofo Baruch Spinoza falava que existem afetos alegres e afetos tristes. O politicamente correto nega o direito à existência a ambos e afirma apenas o direito de os afetos corretos existirem. O problema é que afetos corretos são como círculos quadrados, uma abstração sem corpo e sem alma. Ou somos alegres ou tristes. Corretos, nem os mortos o são. Esta coletânea de aforismos imorais é uma homenagem a quem não teme o pântano que é a nossa alma. Entre os dois tipos de afetos descritos por Spinoza, os tristes são os mais difíceis de ser domados, justamente porque são insuportáveis.

Por que detesto o politicamente correto?

Pouco é necessário dizer sobre a origem e a natureza da praga do politicamente correto. Muitos autores, e eu mesmo, já escrevemos contra ela: trata-se de uma forma de censura do pensamento, dos gestos e da linguagem, mediada por uma pauta política de esquerda herdada da *new left* (nova esquerda) americana das últimas décadas do século passado. Uma esquerda das universidades, sem a fibra para luta da esquerda clássica, que matou gente a rodo (mas era, pelo menos, feita de “cabras” sinceros), a *new left* americana é filha de Foucault e Derrida, gente que queria tomar vinho e criticar gestos, palavras e humores, sem aptidão para o combate a não ser via censura e humilhação pública dos outros – enfim, coisa de covarde (nos últimos tempos, essa esquerda covarde recebeu a bênção de dois nomes típicos da revolução de queijos e vinhos francesa, Žižek e Badiou). Essa esquerda de *campus* visa destruir os inimigos e fortalecer os criadores dessa pauta correta, como toda forma de censura, aliás, sempre se dizendo em nome do bem, mas que tem como inimigo número um o risco que a liberdade sempre carrega em si mesma.

Acrescentaria apenas que o terreno da vida sexual é um dos campos em que ela, essa pauta do politicamente correto, faz maior estrago, tornando a vida sexual e afetiva um inferno maior do que já é, impondo-nos agendas políticas que são desejadas por uma minoria de pessoas mal-amadas de alguma forma. Tomando de assalto a vida acadêmica, o Estado e suas ferramentas de gestão da sociedade sobre a qual tem poder, a mídia e a arte, a praga cria uma cultura de

*image
not
available*

Mulher

Sei que os chatinhos e as chatinhas me acusarão disso e daquilo por conta desses aforismos imorais. Essas acusações, em sua maioria produzidas nessas masmorras de irrelevância chamadas redes sociais, me dão sono. A principal acusação será de que estes aforismos tratam quase sempre de mulher. Como poderia ser diferente? As obras que importam de fato são aquelas escritas a partir de nossas obsessões, não? Fala-se daquilo que nos apaixona. Sei que hoje em dia condena-se essa forma de obsessão. A razão dessa condenação é que o tema sexo foi transformado em propriedade de gente mal-amada e com más experiências com o sexo oposto. O desejo pela mulher é, e sempre foi, um pilar da história humana. A fantasia de tê-la como objeto sexual move o mundo. Por isso, sempre digo que entre as pernas das mulheres se encontram segredos essenciais para a alma masculina e para o mundo como um todo. Infeliz aquele que nunca provou seu gosto.

*image
not
available*

Homens ruins

Um dos maiores problemas dos debates politicamente corretos sobre sexo é o fato apontado pela autora americana Phyllis Schafly: esse debate é dominado por mulheres que não tiveram sorte no amor e, por isso, só conheceram homens ruins. Daí, elas tiram a conclusão de que todos os namorados e maridos das outras são trastes como os delas. No fundo, esse ódio é fruto, como sempre, não de um argumento racional, mas de uma paixão ferida. Recuamos na experiência humana quando passamos a acreditar que o que move o mundo da razão é a própria razão, e não a mais pura tara.

*image
not
available*

Ponto de vista

Sim, este livro é escrito por um homem que gosta de mulher. Não me venham cobrar outros pontos de vista. Esses outros, cobrem de quem tem outros gostos. Em breve, dizer que se gosta de mulher será considerado ilegal porque todo homem que gosta de mulher, gosta dela, antes de tudo, como objeto. Mas a estupidez é assumir que essa frase exclui a alma ou qualquer coisa além do corpo. Tudo nela pode ser objeto de desejo. Para submeter uma mulher ao gozo se faz necessário primeiro submeter seu espírito ao desejo de ser objeto. Em seguida, sua alma pode vestir uma lingerie.

*image
not
available*

O risco da invisibilidade

Se o cristianismo, como dizem, deixou a mulher sem desejo porque tinha medo de sexo (algo com que não concordo e direi logo a razão), as “políticas do sexo” fazem um estrago ainda maior. São piores que o puritanismo cristão porque não deixam nenhum espaço para o pecado e para a culpa, equivalentes a uma saia curta numa mulher. Nada é mais delicioso do que uma mulher culpada. Essas políticas corretas canalizam as relações amorosas para o ressentimento, por isso matam a coragem necessária para o amor e o sexo. A política correta do sexo deixa você numa cama vazia, mas calmo, sem as ansiedades de quem quer possuir uma mulher. O verbo “possuir” usado para o objeto “mulher” é uma das formas mais eróticas na língua portuguesa. Uma mulher possuída geme sob o sexo de “seu dono”. As políticas corretas do sexo anulam tanto homens como mulheres. Enquanto o cristianismo cobria a mulher com o manto da prostituta, e toda prostituta é desejada (por isso dizia acima que não acredito que o cristianismo fizesse tão mal ao desejo sexual), o sexo correto deixa a pele seca. A própria ideia de sexo comprado é erótica. Por isso, Nelson Rodrigues dizia que a prostituição não é a profissão mais antiga da mulher, mas sua vocação mais antiga. Sua ideia não é maldizer as mulheres (só os imbecis pensam assim), mas enaltecer o caráter erótico e pecaminoso do desejo que se tem pelas mulheres. Ideias como essa do Nelson são como verdadeiros “marcadores” contra o sexo correto. Quando ouvida, quem se revolta contra ela é um analfabeto em sexo. E, infelizmente, o lugar onde se encontram mais analfabetos no Eros é onde se acumulam inteligentinhos: o mundo da cultura e do pensamento. As universidades contemporâneas são lugares sem nenhum Eros e com muita política.

*image
not
available*

transformação política do homem), também vomitariam em cima das políticas do sexo.

O que seria uma filosofia libertina hoje? Seria uma filosofia que riria das chatinhas e dos chatinhos e seus coletivos-formiga que falam a mesma coisa o tempo todo como que querendo suprimir o ruído do mundo. Em meia hora de Pré-história (nossa alma continua sendo pré-histórica e nosso inconsciente também) toda essa discussão de gênero apareceria no seu ridículo. Essas pessoas são apenas pessoas querendo viver bem com suas agonias pessoais (o que têm direito de fazer) e, para isso, inventam que homens e mulheres são criação social (o que não têm o direito de ensinar para os mais jovens, mas o fazem). Na verdade, “criação social” deles (os corretinhos), fruto da repressão deles sobre as pessoas reais. Nelson Rodrigues é a evolução de Sade: Nelson entendeu que o gozo não salva ninguém, ainda que o desejo seja irresistível. Não existe lugar no sexo libertino para o respeito, tampouco lugar para a saúde. O sexo politicamente correto é uma conversa entre mudos porque não entende o que a mulher pede quando sua boca enche de água. Não fosse isso, por que chamar o ato de fazer sexo com uma mulher de “penetração”? Uma mulher que é respeitada o tempo todo morre de tédio. A cura do tédio feminino é tratá-la como objeto de desejo.

*image
not
available*

Duas gatas em ação

Um dos maiores mistérios para as mulheres é entender a razão de os homens adorarem ver duas gatas em ação. O fato de cenas assim estarem no mercado (e o mercado é sempre um sábio da natureza humana e, por isso mesmo, é detestável para quem teme esta mesma natureza) de filmes pornô hétero é indicação de que homens gostam disso. A beleza aqui é dobrada. Muitas mulheres, contaminadas pela praga do politicamente correto que vê machismo até no Papai Noel, acham que isso é puro machismo. Outras imaginam que seja desejo de dominação, como se Foucault (que inventou esse negócio de “dominação” porque gostava de rapazes fortes com roupas de couro) entendesse alguma coisa quando se referiu ao desejo masculino por uma mulher. Não. Pouco importa a razão de os homens sonharem em ver duas gatas em ação. Ninguém sabe a razão desse desejo. E, como tudo que é mais forte ou importante em nós, pouco se sabe a causa, e quase sempre pouco importa saber. Os cabelos entre as pernas delas, os gemidos em uníssono, o batom que borra o sexo da outra, tudo se junta numa prova de que a vida vale a pena ser vivida. Na dúvida, dê de presente para seu namorado uma cena como essa. Escolha uma gata que ache bonita para vocês dois a comerem juntos. Ele te amará para sempre.